

# OS CIGANOS NO BRASIL

quando acabei de ler o ultimo trabalho com que me brindou a cavante gentileza de João Dornas Filho, "Os ciganos em Minas Gerais", no qual estuda "A influencia social do cigano" e o "Vocabulário cigano", a primeira lacuna que assinalo em tão prestimosa contribuição à sociologia brasileira foi a concorrente à bibliografia. Apenas no texto do opusculo do nosso illustre patriota se encontram, às pags. 56 e 58, os nomes de duas grandes autoridades europeias, que se ocuparam dos calões, Michael Caron e H. M. Gottlieb Grelmann (este citado por Freycinet, na sua obra de viagens em que trata do Brasil e traduzida por Afonso Taubay), não havendo mencionado a de Adolfo Coelho, "Os Ciganos em Portugal".

Sem o meu fichario relativo a escritores portugueses (pois estou resumindo estas linhas em Lambaldi e servindo-me principalmente da minha velha e cansada memoria) não posso dizer se, antes do citado filologo lusitano, já haviam aparecido os dois volumes com que Melo Moraes Filho trouxe novos elementos ao curioso assunto. Vieram à luz, respectivamente em 1895 e 1898, o "Cancioneiro dos ciganos" — Poesia popular da Cidade Nova e "Os ciganos no Brasil — Contribuição etnografica" do nosso ilustre e fecundo poligrafo.

Em meu livro sobre "O folclore do Brasil", não deixei em branca nem o erradico elemento asiatico, ao qual atribui a influencia da prenda da "buena-dicha" em nosso povo. Mas, referindo-me a uma pequena monografia de Augusto de Oliveira e Sousa sobre "Os ciganos no Brasil" (inserta em o n. 63, 1921, da "Revista do Brasil" de São Paulo), declarei não achar de facil demonstração a afirmativa, por elle sustentada, de serem os calões originarios da America e "um ramo da nossa arvore etnica".

Conheci pessoalmente o talentoso paulista João Batista de Oliveira Filho (com quem me encontrei na cidade de Jacareí e sei que morou depois em Tatui), a cuja pena se dignou, sobre os zingaros, interessantes trabalhos folclóricos, dados a entre na "Revista do Arquivo Municipal" de São Paulo, como os "Elementos ciganos na ziria brasileira" (vols. II a VII, IX e XII a XXIII) e "Elementos ciganos na ziria dos delinquentes brasileiros" (1931, XXX). Mais tarde em 1949 insereu no "Jornal do Comercio", sob o pseudônimo "Linguisticos", como complemento do seu estudo sobre "Os ciganos do Brasil".

Poucos estrangeiros foram os que prestaram atenção ao elemento cigano em nosso País. Além de Freycinet, só apparecem no livro de Dornas Filho os nomes do pastor evangelico Daniel Kidder (pag. 16) e do dr. Karl von den Steinen, em sua magnifica obra (não indigitada pelo escritor mineiro) "Unter den Naturvolkern Zentral — Brasilens" (1894), precisamente no capitulo sobre Cuiabá, que acredito ter sido eu o primeiro a vernacularizar em minha Patria.

A pag. 59, assevera João Dornas Filho, trazendo à balha mais um patriota nosso que se occupou com os calões: "Gama Rosa afirma que os ciganos brasileiros participam da religião geral do País, deformando-a, contudo, com atos bizarros, como os de armar com flores e fitas as imagens de santos, em gratidão a milagres, ou amarrando-as e atirando-as aos recantos escuros da casa, como punição a milagres não efetuados". E o prosador mineiro não deixa de duvidar da opinião do abalizado sociologo estarinense, de quem tive a honra de merecer a estima pessoal, quando ele era secretario e eu catedratico interino (na vaga do barão Homem de Melo) da Escola Nacional de Belas Artes.

Não descreio do que expôs Francisco Luis de Gama Rosa, cujo trabalho, "Costumes do povo nos nascimentos, casamentos e enterros" appareceu às pags. 737-746 do vol. V dos "Anais do I.º Congresso de Historia Nacional". Acrescentarei apenas que tudo quanto attribuiu exclusivamente aos ciganos era habito de inumeros catholicos brasileiros, mais feticheistas do que realimente cristãos. Consta que o pai de frei Caneca, homem de poucas letras e fervoroso devoto de Santo Antonio, reduziu a pedação, com uma rija manguera, a imagem daquele taumaturgo lisboeta, feita de gesso policromado e altarizada no seu oratorio domestico, por não haver o mesmo atendido a "promessa", que lhe fizera, de impedir a pena capital do imortal herói da Confederação do Equador. E as judiarias sorridas das moças rusticas, que com ele se apearam para a conquista de noivos, são muito conhecidas em todos os quadrantes do nosso País.

Da expulsão dos ciganos do seu habitat asiatico tratei ligeiramente em nota às pags. 137-138 do vol. III de minha "Historia da civilização" (Rio, F. Alves, 1940). Parece fora de duvida ter sido ella devida a Timur-Leng (Timur-o-Coxo, descendente de Gênghis-Cán pela linha feminina), celebrizado pelas

suas crueldades e pela sua vitória de Ançira (a actual Ancara, capital da Turquia) em 1402, na qual prisionou e meteu numa jaula de ferro a Bala-ud-el-Dirim ("Baíasco-Relampago"), exibindo-o mundo em fora, até que a morte surpreendesse o truculento triunfador em 1405, um de cujos descendentes, Baber, fundou na India o Imperio do Grão-Mogol (Grão Mongol), extinto em 1806.

Afirma João Dornas Filho (pag. 15) que, "segundo convicção bem fundada", foi "das margens do Ganges" que os ciganos vieram para o occidente. Não me parece verossimil essa localização da patria dos calões, porquanto o seu idioma não comprova isso, em razão da ausencia de palavras das linguas industanicas.

Investigando o controverso assunto da melhor forma que me foi possível eis como redigi a nota acima referida, escutando-me com a autorizada opinião de H. G. Wells, a qual resumir, tomando-a das pags. 436-437 do vol. II de sua "Historia Universal" (tradução devida a Anésio Teixeira e divulgada pela Companhia Editora Nacional): "Atribui o aparecimento dos ciganos na Europa à segunda grande invasão mongolica. Acredita que, a exemplo dos turcos, também os bactrios foram empurrados para cá dos Dardanelos pela avalanche desencadeada ao mando de Tamerlán. Os primeiros ciganos, que surgiram na Grecia em fins do seculo XIV ou começo do XV, foram tidos como egipcios (donde lhes provem o nome de gipsies, que ainda lhes é dado em inglês); quando entraram no Santo-Imperio, foram chamados de tartaros e de hungaros (zingaros); e, finalmente, receberam na França a designação de boemins. A lingua cigana, o calão, patenteia-lhes a origem, pois o grosso do seu vocabulário é bactriano, com muitos elementos armenios e persas, bem como alguns turcomanos. Disseminados pelo mundo, em bandos sempre nomades, são latoceros, mascates, negociantes de cavalos, empresarios de espectaculos de circo, leitores de buena-dicha e mendigos. A sua unica manifestação de cultura encontra-se no amor pela musica. Segundo afirma acertadamente Wells, o trovadorismo cigano, conta hoje descendencia abundante na musica da Hungria, da Espanha e da Russia".

No trecho do Wells, eu substituí "latoceros" por "caldeiros" e "negociantes" por "barganhistas de cavalos", e acrescentaria que os ci-

ganos são igualmente poetas de admiravel espontaneidade e inflama da inspiração, como se deduz do seu cancionero popular. Aos leitores pouco familiarizados com os estudos historicos, e conveniente explicar que o Sacro-Imperio-Romano-Germanico, fundado por Oto-o-Grande em 962, deixando virtualmente de existir pela paz de Westfalia em 1648, conservando, todavia, a denominação de Santo-Imperio, foi transformado em 1806 por Napoleão I em Confederação-do-Reno, composta de 31 Estados, sob o cetro de Francisco I da Austria, mas sujeita ao protetorado daquele Imperador dos franceses.

O opusculo de João Dornas Filho encerra preciosos elementos (sobretudo "documentos humanos", tanto mais que traz até excelentes fotografias fora do texto) para quem se abalarar, um dia, a lucubrar uma desenvolvida historia dos ciganos como raras e mais coeficientes da marcha sazonal da civilização brasileira. Ha, contudo, no trabalho do escritor mineiro um defeito, que a minha catturice de velho docente de ciencias sociais não pode deixar de apontar: é a asserção de fatos, frequentemente desajudada de uma indicação mais precisa de provas substanciais, menos nos muitos casos de delinquencia da grei nomade, constantes dos arquivos da policia da terra do Tiradentes.

Assim, presumo não ser facil demonstrar a seguinte afirmacão, formulada pelo escritor mineiro no segundo periodo do começo do seu opusculo: "Desde os primeiros dias da colonização, o cigano, essa gente aparentemente sem lei nem rei, está presente no nosso esforço de civilização". Ora, tendo sido efetuada na segunda decada do seculo XVIII a definitiva exterminação dos colões de Portugal para o Brasil, os poucos aqui apparecidos anteriormente somente poderiam ter vindo para as nossas plagas em virtude de um ato legislativo das Cortes de 1598. No final do seculo XVI, quando se realizou a primeira visitaçào do Santo-Officio às partes do Brasil, não era consideravel o numero de tão indesejaveis hospedes, tanto que, na vaga expressão de Dornas Filho, apenas

"varias dezenas de ciganos foram denunciados ao visltador, como delinquentes de crimes contra a religião e os bons costumes". A dita visitaçào, chefiada por Heitor de Mendonça Furtado, realizou sessões de 1591 a 1596, na cidade do Salvador e no Recife. Consta de tres volumes, publicados respectivamente em 1922, 1925 e 1929 (por sugestão de Capistrano de Abreu e graças ao carinho e à boa-vontade de Paulo Prado), com os seguintes titulos: "Confissões da Bahia", "Denunciações da Bahia" e "Denunciações de Pernambuco".

Outra afirmativa merecedora de reparos: "Laurindo Rabelo, o Poeta-Lagartha era de origem cigana e deixou bons versos sobre motivos de sua raça". Tenho aqui a mão as "Obras completas" (1946) daquele celebre intelectual patriota, organizado (com biografia e notas) por Osvaldo Melo Braga, um dos nossos mais competentes bibliografos. Ai não logrei descobrir poemeto algum que ostente qualquer sarnete calão. E' certo, porém, que tanto Silvio Romero, em sua "Historia da literatura brasileira" (1903), quanto Melo Moraes Filho, em sua obra "Artistas do meu tempo — Seguidos de um estudo sobre Laurindo Rabelo" (1904), consideram o Poeta-Lagartha como o grande de pais mes-

tiços e "em cujas veias corria o sangue egipcio". Nenhum deles entretanto, se apoiou em comprovantes de qualquer especie. E Dornas Filho pudera também haver dado curso no boato da existencia de hematomas de calões no portentoso condoreiro Castro Alves.

A pag. 16, homologa o prosador mineiro a opinião (expedida por escultapicos de nomeada) de que o traçoma foi introduzido no Brasil pelas primeiras grandes levas de ciganos, degredados para estas plagas de aquem-Atlantico em consequencia do carta-regio de 18 de abril de 1718. Não tardaram a aparecer no Rio, bem no centro urbano, o Campo dos Ciganos, a travessa e a Rua dos Ciganos; na Bahia, no Maranhão e ainda mais, no Ceará, disseminaram sinistramente alguns bandos de levas contagiosas molestias (que eu ignorava tivesse sido crimiada por "oftalmia egipcia"), a qual, afora o nome popular, é tam-

bem cientificamente conhecida por "xerofthalmia" e conjuntivite granulosa (veja-se o "Dicionario de termos medicos" do prof. dr. Pedro A. Pinto). É uma terrivel enfermidade que pode produzir a cegueira, e que, para ser julgada, quando se manifesta epidemicamente, demanda custosos e urgentes esforços por parte do poder publico. Ful testemunha do como procedeu o governo paulista (nisto logo depois limitado pelo de Minas Gerais), na segunda decada do presente seculo, para a extincção do traçoma em Campinas, consoante se me ensejou declarar na Camara Federal, em vislturo ahi proferido a 20 de novembro de 1926. Mas, consoante pondera acertadamente o escritor mineiro, a região do Leste brasileiro prestarão os calões assinalado serviço, introduzindo ali, desde Pernambuco até ao Piauí, equinos de sangue arabe, dos quais se geraram os afamados "cavalos nordestinos".

Digno de altura é tudo quanto vem às pags. 28-29 do opusculo de Dornas Filho, que, além de transcrever em nota o bando expedido por d. Lourenço de Almeida (primeiro governador da capitania de Minas Gerais, separada da de São Paulo em 1720) em 15 de julho de 1723, no qual declara haver d. João V resolvido "exterminar de todo o seu Reino os ciganos, mandando-os embarcar para as praças de este Brasil", ainda menciona personalidades notaveis daquela epoca: o tenente Simão da Cunha, então enfermo em Minas Novas, o desembargador Rafael Pires Pardiniho, um dos filhos da famosa Chica da Silva e dois clerigos turbulentos ou anal-fatores, "o famigerado padre Joaquim Arrada", chefeador de uma quadrilha que operava na Mantiqueira, e o "celebre amotinador padre Curvelo, acotador de ciganos e erimiosos em sua vasta fazenda de criar no vale do Rio das Velhas". Ha informações seguras sobre este ultimo no excelente livro "Serra da Saudade" do dr. Carlos da Cunha Correia, segundo o qual a aldeia de Santo Antonio da Estrada foi elevada a freguesia em 1720, com o nome de "Curvelo" (que até hoje conserva como cidade), em homenagem ao padre Antonio Curvelo

de Avila, que se passara do povoado de Morrinhos para ali.

As pgs. 57-60, acumulou Dornas Filho muitas informações concernentes aos calões. Ai é que cita a lei XXIV das Cortes de 1538 de Portugal, pela qual foi prohibida ali a entrada de ciganos, tendo sido ordenada a deportação para o Brasil e Angola dos então existentes na metropole. Deste ato legislativo proterram, sem duvida, os denunciados aqui no Santo Officio nos fins do seculo XVI.



Não me recordo de haver lido no substancioso volume de Alberto Pimentel, "As amantes de d. João V", que uma delas era cigana. Assegura o Dornas Filho, que a isso acrescenta haver o príncipe-regente d. João (depois d. João VI) tratado "inúmeros ciganos em sua comitiva".

Logo adiante, resume o escritor mineiro a transformação que se operou na atividade social dos calões em nosso país, sobretudo por Rio de Janeiro. Diz ele: "O caldeireiro e o barganhista cedem lugar, ao Brasil, ao contrabandista de ouro e diamantes e ao comerciante de escravos negros, permanecendo uniforme, apenas, a cartomancia, que é profissão das mulheres, e, por isso, subsidiária". Nesse mesmo parágrafo, relata ele que "em 1944, ciganos baianos vendiam para um museu de Ouro Preto a comenda da Ordem de Cristo, que diziam ter pertencido ao Filipe Camarão". Quando profiro este nome heróico, sempre "dobro a língua" e o declino com a reverência que me impõe o ter sido ele o nosso primeiro antepassado índio honorificado pelo soberano ibérico. Tendo merecido tão alto prêmio pela homérica defesa da cidade do Salvador, na qual tomou parte conspícua (16 de abril a 26 de maio de 1637) contra Maurício de Nassau, passou a ser "d. Antonio Filipe Camarão", porquanto ficou com direito ao título de "dom" por foro especial.

É digno de nota tudo quanto referiu Dornas Filho no tocante às mulheres ciganas. Enquanto as caudas trazem vistoso lenço que lhes serve de touca para o cabelo geralmente negro, usam as solteiras duas longas tranças caídas sobre as costas. Criaram elas aqui um singular costume, a que foi dada a feliz expressão de "conto do amor" (pag. 54). Uma das notas fornosas é enviada o centro urbano e procura relacionar-se com um rapaz bem apaixonado e rico, a quem não tarda a confessar a sua paixão e o

desejo de tomá-lo por esposo; mas, sendo ela pobre, precisa de dinheiro, que val aos poucos extorquindo do pacóvio para o enxoval; e, uma vez atingida a soma ambicionada, abandona-o e vai passar a outrem o seu "conto do amor". Pondera ainda Dornas Filho que em Minas os calões não recusaram conúbios com o elemento afrobrasileiro nem com os nossos leucodermos. E documenta esta segunda parte da sua asserção com "o caso daquele Cavalcanti, membro de conhecida família de Belo Horizonte, que se tornou cigano para seguir uma rapariga de uma tribo que estacionara na capital de Minas".

O "Vocabulário cigano" (pags. 63-70), organizado por João Dornas Filho, resente-se de certa desordem alfabética e da falta de algumas notas que indigitassem a pobreza do calão falado no território mineiro. Por exemplo: arma branca é "chorlin" e faca é "churin" (confronte-se com o "surin" dos apaches franceses); fogo, fosforo e luz são substantivos a que correspondem uma única palavra cigana, "ague"; água, chuva e rio representam-se por um designativo só, "paim"; a voz "numola" do idioma gitano equivale simultaneamente às nossas expressões "de fantasia" (jotas), "falso" (dinheiro), "perverto", "ruim", "sem valor"; documentos, papéis, guias correspondem a uma única expressão, "meus livres"; pronto (em sentido transitivo) e sem dinheiro exprimem-se por "aunsila sadels", como pobre e sujo por "cuchunurró". O mais estranho, porém, é que janela e porta se designem por um substantivo único, "budala", assim como língua, nariz e orelhas (ou seja quase todo o rosto) por "muís". Não menos esquisito é que o termo cigano "mal-dar" signifique, ao mesmo tempo, "judiar" e "matar", como "sel-lage" tenha o duplo sentido de respeito e "meretrix". Censoante o "Vocabulário" organizado por Dornas Filho, a arma de fogo usual dos calões deve ter sido a garrucha, por eles chamada "prusque"; deste apelativo, acrescido de adjetivos indicadores de tamanho, formaram as expressões "prusque barina", "castrina", e "prusque pequena", revolver.

"Pequena" é palavra da nossa língua, à semelhança de muitas outras, como "assentador" (cadeira), "olhacar" (corruptela de "olha-cara", isto é, "espelho"), "pelégo" (coximinho), "juntardar" (ponto de reunião), "tustuna" (testão) "Meio", "dois" e "quatro" (pags.

66-70), quantitativos nossos aplicados à contagem do dinheiro, acusam a influência lusitana. A terminação "ar" de grande numero de seus verbos é evidentemente tomada de emprestimo ao nosso idioma.

Parece-me que, longe do que assegurem Oliveira Chima e Dornas Filho, o calão ou chife, embora ostente radicais de sua fala primitiva, a bactriana, recebe em cada habitat do povo nomade (calculado em 800.000 indivíduos) a influência de cada novo agregado humano, tornando-se, por conseguinte, um *mixtum-compositum* expressional.

Em suma: o Inguajar e a leucodermia dos ciganos desautorizam a afirmativa de haverem eles tido por berço as margens do Ganges. Do antigo Oxus que corria ao longo das fronteiras de Bactres, é mais verossímil. Reflita João Dornas Filho em que os dravidas — procedentes da Polinésia, quando invadiram o Induário — eram negritos, ao passo que os ciganos puros têm a pele branca ou apenas abagaçada, como toda gente erradia que vive fustigada pelos raios do sol.

Ao tratar ligeiramente dos gentílicos por que se tornaram conhecidos no mundo culto, não consignei que o termo "gitano" adotado na Espanha, pode bem ser uma corruptela de "egiptano", e, nesse caso, a Grã-Bretanha não fica sozinha com o seu "gipsy".

O opusculo da lavra de João Dornas Filho (separata da "Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de Minas Gerais") é, incontestavelmente, preciosa contribuição ao futuro e paciente historiador dos calões que têm pervagado em nossa Pátria.

P. S. — Mal havia eu acabado esta sucinta apreciação do opusculo de João Dornas Filho, aqui chegou para o seu habitual veraneio meu illustre confrade e preclaro amigo, o desembargador Alfredo de Assis, conhecido poeta e prosador de elegante castidade, porquanto poucos brasileiros haverá que conheçam eruditamente, como ele, o formoso idioma de Cambes e Gonçalves Dias. Sabendo quanto me é grata a boa literatura feminina, trouxe á minha insaciável gula um delicado accepe, o romance "A cigana" (Rio, 1949), elaborado por d. Edith Mendes da Gama e Abreu, da Academia de Letras da Bahia e autora de outros não menos aplaudidos escritos. Por aí se vê que os ciganos, já lembrados por alguns dos nossos antigos escritores, não perderam o condão de que gozavam em nosso País.